



ELOGIO AOS PROFESSORES DOUTORES JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES E LUIZ GONZAGA BELLUZZO¹

Durval de Noronha Goyos Jr.

Pediu-me nosso presidente, o Dr. Walter Sorrentino, para fazer um breve elogio aos professores doutores João Carlos Kfourì Quartim de Moraes e Luiz Gonzaga Belluzzo, hoje merecidamente homenageados pela Fundação Maurício Grabois. Isso é feito em apreço e gratidão pelas extraordinárias contribuições acadêmicas, sociais e políticas prestadas ao longo de suas respectivas vidas, as quais são pública e amplamente reconhecidas, bem como admiradas pela cidadania. De fato, são os homenageados figuras de escol no País, com muitos pontos em comum nas respectivas vidas, inclusive por terem sido contemporâneos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e amigos desde então.

O Professor João Carlos Kfourì Quartim de Moraes aliou uma intensa atividade política com uma consistente militância comunista e antifascista, a qual inclui a resistência armada à ditadura militar iniciada através do golpe de Estado de 1964. Ele teve, por outro lado, uma extraordinária carreira acadêmica como professor e filósofo marxista e é amplamente tido como um dos grandes pensadores brasileiros e o maior conhecedor da obra de Lenin, dentre nós. Sua vasta obra inclui os livros 'A Esquerda Militar no Brasil' e 'A História do Marxismo no Brasil', para além de muitos artigos publicados.

Em minha vida, tive o prazer de conhecer dezenas de membros da família Kfourì, alguns dos quais muito proximamente, e posso assegurar que todos eles são torcedores do Corinthians, esta força determinante do processo civilizatório brasileiro, pelo fundamento clássico do serviço ao povo. Disse-me uma ocasião o meu amigo Flávio La Selva, o fundador da torcida Gaviões da Fiel e de saudosa memória, nas arquibancadas do Pacaembu, no lado esquerdo do ingresso pelos portões monumentais, que o próprio camarada Mao Zedong teria se inspirado no Timão para a criação de seu lema: "servir ao povo", criado em 1944, o que é em toda probabilidade uma verdade histórica.

Assim, perguntei ao meu amigo, o jornalista e escriba Juca Kfourì, notoriamente inspirado por São Jorge pela causa do Brasil e de seu povo, se o Professor Doutor João Carlos Kfourì Quartim de Moraes, seu primo, não professaria também a sacrossanta fé corinthiana, ao que ele me escreveu: "sim. Não praticante, mas muito quando jovem". Em resposta, eu respondi ao íntegro jornalista que "de todos os seus



Luiz Gonzaga Belluzzo

divulgação

inúmeros predicados acadêmicos, este é certamente o maior, pela sua natureza civilizatória". Respondeu-me o Juca Kfourì com um categórico "indubitavelmente" e a sua confirmação me levou a indagar intimamente, com certeza da resposta, se o extraordinário viés de serviço público do Professor Doutor João Carlos não teria tido a mesma origem daquela que teria impactado o grande guia chinês.

Quanto ao Professor Luiz Gonzaga Belluzzo, a história é assemelhada e me faz lembrar a figura de meu avô materno, o alfaiate napolitano Alberto Sabella, um sólido comunista e torcedor do Palmeiras, como também a minha mãe, meu irmão, meu tio e meus primos. Com a minha condição absolutamente minoritária, o meu irmão dizia em napolitano: "fratema è nu pècura nera", ou "o meu irmão é uma ovelha negra". Ergueu-se o meu avô em minha defesa e assegurou que a causa do povo é tão fundamental que ela tem necessariamente muitas casas, todas respeitáveis. Pela sua histórica contribuição à causa nacional e popular, o Professor Belluzzo optou por trabalhar na igualmente gloriosa agremiação verde e branca.

Em 2004, dez anos antes de minha presidência da entidade, a União Brasileira dos Escritores (UBE), concedeu o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, ao Professor Belluzzo pela sua notável produção acadêmica em geral e em particular por sua obra "Ensaio sobre o Capitalismo no Século 20". Segundo Caio Prado Júnior, "o Juca Pato homenageia o homem de pensamento que não se encerra em uma torre de marfim... E sim aquele que procura se colocar a serviço da coletividade em que vive e da qual efetivamente participa". É este exatamente o caso do nosso homenageado. Naquela ocasião, o Prof. Belluzzo fez duras críticas ao neoliberalismo e ao capital internacional, afirmando que "a avareza é um vício, a usura, uma ofensa", na presença de grandes nomes da intelectualidade brasileira, como Luiz Alberto Moniz Bandeira, Samuel Pinheiro Guimarães, Levi Bucalem Ferrari, Rosani Abou Adal, Renato Rabelo, Claudio Willer, Fábio Lucas, Luiz Toledo Machado, Sábato Magaldi, Antonio Rezak, Alfredo Bosi, Adriano Nogueira, Lygia Fagundes Telles, Djalma Allegro, Maria Maia, Caio Porfírio Carneiro, Ana Maria Martins, Izacyl Guimarães Ferreira, Renata Pallottini, Milton de Godoy Campos, Rodolfo Konder, Yara Stein, J.B. Sayeg, Regina Gadelha, Jorge da Cunha Lima e Walter Sorrentino.

Poucas vezes uma homenagem foi tão merecida como a de hoje. De minha parte, apresentei o Professor Doutor João Carlos com um exemplar de meu livro biográfico sobre Flávio La Selva e a Gaviões da Fiel e, ao Professor Doutor Belluzzo, a minha obra sobre a imigração meridional italiana no Estado de São Paulo, na qual ele é citado. Muito obrigado a todas e todos os presentes.

(Footnotes)

¹Proferido por ocasião de homenagem feita pela Fundação Maurício Grabois, em 11.07.2026.

Durval de Noronha Goyos Jr. - São José do Rio Preto (SP) - é professor, escritor polígrafo, jurista, presidente do Instituto Noronha. Membro da Academia de Letras de Portugal e membro da Academia de Letras de Portugal. Exerceu o cargo de presidente da União Brasileira de Escritores.





Linguagem Viva na FLIEI

A Feira Literária de Escritores Independentes - FLIEI promove a Feira Literária e Cultural, no dia 8 de agosto, sábado, das 13 às 18 horas, no Centro Esportivo Antonio Sanches, Vila Monteiro, em Poá (SP), em frente à ETEC, com apoio do Fórum Permanente de Cultura de Poá, de Kumon Poá – Centro e do jornal *Linguagem Viva*.

A Feira Literária de Escritores Independentes tem como objetivo divulgar e tornar visíveis escritores e artistas de toda a Região do Alto Tietê e de São Paulo. A FLIEI tem como patrono o agente cultural, ator, compositor, poeta, cineasta, jornalista e diretor da TV Artmult Cultural Nicanor Jacinto da Silva (1952 - 2025).

Participam os escritores Ali-ne Marques, Alessandra Marques,

Carlos Barros da Silva, Cidinha Barreto, Cláudia Paixão, Elizeth Godoy, Eraldo Nascimento, Luka Magalhães (Edições Archangelus), Michele Doneda, Mildima Ferreira, Pedro Monteiro, Rodrigues Paz, Rosani Abou Adal, Sandra de Jesus, Sirley José e Solange Borges.

Também participam as artesãs Camila, Ivonete, Edna Amigurimi, Mamanuka, Zenyrocketty e Patricia Alves; os artistas plásticos Richard Rodrigues, Gb. Beaah, Íris Araújo e Anderson Bernardelli; a AMAFV com artesanatos, o Projeto Circulando Cultura com exposição artística, a Ong Renovados com bazar, a produtora de vídeo Larissa Araújo, a reikiana e tarô terapêutico Emily Oliveira, o Coral Vozes Livres e Claudia Paixão com a apresentação musical em homenagem aos pais.

CANTO DO ALAÚDE, uma ode à paz

Ernani Fraga

A poesia de Rosani Abou Adal, escrita única de estilo único, escancara em seu *Canto do Alaúde* a tragédia humanitária que se abate sobre o povo palestino encurralado por conflitos eternos, tanques, mísseis e bombas na Faixa de Gaza e áreas por ele ocupadas.

Condensada em 16 poemas, mas potente e explosiva, a obra poética vibrante de Rosani Abou Adal, transita do lirismo ao caos em temas multifacetados e urgentes de um mundo terrível que se observa com indiferença nos telejornais, apatia esta que a poeta não acolhe e esculhamba com seus versos-denúncia, ruidosos como um trovão e, paradoxalmente, singelos e líricos, sofridos.

O alaúde, instrumento medieval preferido dos trovadores em razão do som suave e encorpado, não foi evocado ao acaso pela poeta para batismo de sua coletânea de poemas: havia uma lógica abstrata nessa intenção, a de avultar, pela imagem poética do título, a violência inominável da guerra.

De fato. *Canto do Alaúde*, com sua lírica em face à barbárie, quase uma alegoria, estabelece uma relação de contraponto entre a realidade dura de um povo subjugado e os cantos de louvor e alegria que o instrumento inspira e a poesia invoca.

Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

Sem sombra de dúvida, a obra vigorosa de Rosani Abou Adal repercute a busca necessária de uma paz duradoura no mundo, pois que, em boa hora, produz um conteúdo poético “dedicado à paz de todos os povos e nações, na esperança de um mundo melhor e sem conflitos”, como bem diz Ronaldo Cagiano comentando a obra.

Ernani Fraga -
São Paulo (SP) -
é escritor,
poeta, ator e
dramaturgo.
Formado em
Direito.

Autor de *Árvore Queimando* - Bethânia Rock, espetáculo musical teatral.



LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Sebo Brandão São Paulo

**Compra e venda de livros usados
em todo o território nacional.
Fazemos encadernações.**

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

ECOS DE UM PASSADO COLONIAL

Ronaldo Cagiano

Sendo uma das literaturas mais ricas, os escritores dos diversos países de língua portuguesa ainda são pouco conhecidos entre nós, por culpa e obra de um mercado editorial hegemônico e monopolista, que acaba por nos impor goela abaixo apenas aqueles que integram o seleto time do mainstream ou ungidos pelas painéis acadêmicas, em detrimento de autores e obras da mais alta qualidade que frutificam nessa multifacetada galáxia do nosso idioma comum.

Dito isto, vale destacar um dos escritores cuja voz consagrada e a alta voltagem de sua produção ficcional e poética está a merecer melhor espaço em todo o circuito da CPLP. Falo de Tony Tcheka (pseudônimo de António Soares Lopes Júnior), nascido em Santa Lúzia, na Guiné-Bissau e que integra uma geração comprometida também com a luta pela independência de seu país, não apenas na sua condição de escritor, mas no exercício do jornalismo, tendo sido perseguido no exercício de sua profissão.

Vivendo atualmente em Portugal, sua arte sempre se pautou por uma relação profunda e crítica com a história, a cultura e a política guineenses, em cujos livros emula narrativas que fazem um recorte das tradições, lendas, imaginário, referenciais e oralidade de um povo e uma nação que amargaram séculos de domínio e opressão, mas que encontram na escrita de Tony Tcheka um espaço exegético, de pura catarse, a partir de fatos e acontecimentos que mereceram um olhar imersivo na história e na identidade, numa intercessão com as nuances e passivos dos novos tempos.

Um de seus livros recentes, o volume de contos “Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba” (Editorial Novembro, V. N. Famalicão, 2020), obra que nasceu do projeto Bolsa Criar Lusofonia, do Centro Nacional de Cultura/Min. Cultura/DGLAB, o autor

nos traz quatro histórias pungentes, que mapeiam a realidade da Guiné Bissau, numa perspectiva que dá voz a personagens que incorporam as problemáticas e os revezes do povo, sobretudo a relação de protagonistas com o ideário de Amílcar Cabral, com o pós-independência, seja no país ou na diáspora, com todos os desdobramentos comuns a uma nova situação política. Esta, muitas vezes repleta de frustrações e decepções com os rumos seguidos, implicando no deslocamento ou na insularidade daqueles que vão experimentar o novo num ambiente pós-colonial confrontados com as novas mentalidades, mas acossados pelo embate entre a nostalgia do passado e a esperança de um futuro ainda nebuloso. E é na sua agudíssima percepção como cidadão, cruzando-se com o faro do jornalista e em diálogo com o universo do escritor que as histórias do livro vão compondo um cenário polifônico, recriado pela destreza de um ficcionista antenado com as emergências, vicissitudes e demandas de seu tempo.

Como acentua Pires Laranjeira, crítico e professor da Universidade de Coimbra, no ensaio que abre o livro, Tcheka é um “poeta do compromisso com a pátria, com a nação a edificar-se, assente provisoriamente num Estado que, em parte, a contradiz, os seus textos testemunham a condição da estética útil, combativa, militante, política, *engagée*, ou seja, tudo aquilo que as academias, no seu conjunto e no seu pensamento dominante sempre recusaram.”

“Pekadur di Sambasabi”, “Manito O Patriota”, “Camarada Melhor Amanhã” e “Excisados na Flor da Vida” compõem um requintado caleidoscópio e um observatório



Tony Tcheka

semântico da multiplicidade de situações que permeiam a vida de protagonistas, entre os quais funcionários públicos e soldados que serviram na guerra colonial, que carregam em suas profundas raízes e ancestralidade o que há de mais essencial na sua humanidade, nos seus conflitos, ambiguidades e perplexidades. Há nesse livro muitas verdades, aquelas que espelham uma territorialidade geográfica e emocional particularíssimas, em que cada ser e cada lu-

gar guardam seus dilemas e seus fantasmas, sendo o homem caudatário de sofrimentos e resistências que exigem tomadas de posições muitas vezes dilacerantes, que fazem parte da própria dinâmica e dialética do ser social e político. O autor refaz esses caminhos numa linguagem densa e tensa, em enredos meticulosamente retrabalhados, mas fiéis ao que viveu e conheceu, aproximando daquilo que disse Dürrenmatt: “Minhas criaturas criaram a sua própria realidade, uma realidade que arrebataram à minha imaginação e, com isso, à minha realidade, ao tempo que dediquei para criá-las.” Tony Tcheka, um autor que o Brasil precisa urgentemente conhecer, por escrever sobre aquilo que também nos diz respeito e pela contundência de uma literatura que não faz concessões, regida por inegável preciosidade estilística.



Ronaldo Cagiano - Lisboa (Portugal) - é escritor e poeta brasileiro, autor, dentre outros, de *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti, 2016).



Glostri Editora convida para o lançamento do livro

LAVRA

de Ana Portich, Danieli Gervazio, Ernani Fraga, Ernesto Ferro, Manoela Paiva Menezes

Sábado - 05/09 - das 16h às 18h

Os autores autografarão o livro aos amigos e convidados

Livraria Nobel Sorocaba
Av. Barão de Tatuí, 867 - Jardim Faculdade, Sorocaba - SP
Contato: (15) 3219-6969

glostri

Nobel



“PRÓXIMA ESTAÇÃO, TEMPO” TRANSFORMA O COTIDIANO EM POESIA AUDIOVISUAL



Curta experimental do Cinema do Encontro, dirigido por Daniel Neves e idealizado por Carlos Galdino, propõe uma reflexão sensível sobre a memória, a solidão e a passagem do tempo.

Em uma cidade marcada pela pressa, pelo ruído e pelos deslocamentos constantes, parar também pode ser um gesto de resistência. É dessa pausa necessária que nasce **Próxima Estação, Tempo**, curta-metragem experimental produzido pelo projeto **Cinema do Encontro** e disponível gratuitamente no YouTube.

Com direção, edição e som de **Daniel Neves**, e roteiro, atuação, fotografia e produção de **Carlos Galdino**, o filme constrói uma narrativa poética a partir de imagens aparentemente simples. Ruas, estações, caminhadas, silêncios e tarefas domésticas tornam-se elementos de uma reflexão sobre

aquilo que permanece dentro de cada pessoa enquanto o mundo continua em movimento.

Ao longo de oito minutos, o curta acompanha um homem atravessado por lembranças, sensações e fragmentos do cotidiano. Não há uma história conduzida por acontecimentos convencionais, mas uma sequência de imagens que se aproxima do funcionamento da memória: íntima, descontínua e aberta à interpretação.

O cotidiano como matéria poética

Em uma das passagens mais simbólicas da obra, lavar a louça deixa de ser apenas uma tarefa doméstica. O gesto cotidiano adquire outra dimensão, como se a água também pudesse alcançar pensamentos antigos, ausências, afetos e experiências acumuladas.

A cidade, por sua vez, não aparece apenas como cenário. Ela integra o estado interior do personagem. O movimento das ruas, o

transporte público e as estações dialogam com o sentimento de quem atravessa o tempo sem conseguir interrompê-lo.

O filme convida o espectador a observar aquilo que normalmente desaparece na velocidade da rotina. Uma espera, um olhar, uma caminhada ou um movimento repetido passam a revelar significados que a pressa costuma esconder.

Uma experiência de imagem, som e silêncio

A montagem realizada por Daniel Neves reorganiza as imagens registradas por Carlos Galdino e estabelece uma atmosfera contemplativa. Narração, sons ambientes, pausas e silêncios formam uma composição que se completa com a música de **Erik Satie**.

Mais do que explicar o tempo, “Próxima Estação, Tempo” procura fazê-lo sentir. Em vez de apresentar respostas prontas, o curta oferece espaços de reconhecimento.

Cada espectador pode encontrar nas cenas algo de sua própria trajetória: uma lembrança interrompida, uma solidão conhecida, um encontro que deixou marcas ou a sensação de estar sempre partindo para algum lugar.

Cinema feito para aproximar

A obra também traduz a proposta do **Cinema do Encontro**, projeto dedicado à criação de produções poéticas, afetivas e humanas. O cinema é compreendido como espaço de aproximação entre pessoas, memórias, linguagens

e diferentes formas de perceber o mundo.

“Próxima Estação, Tempo” não busca apenas representar o cotidiano. O curta transforma a vida comum em matéria artística, mostrando que até os gestos mais repetidos podem guardar profundidade, beleza e memória.

Em meio à velocidade da vida urbana, o filme sugere uma necessidade cada vez mais urgente: reaprender a parar, respirar e observar.

A próxima estação, afinal, pode não ser um lugar. Pode ser o tempo que cada pessoa precisa para voltar a encontrar a si mesma.

SERVIÇO: Filme: **Próxima Estação, Tempo**. Gênero: Experimental. Duração: 8 minutos, ano 2026. Exibição: Canal Cinema do Encontro, YouTube, com acesso gratuito. <https://www.youtube.com/watch?v=SYT2m9ScdSM>

FICHA TÉCNICA: Direção, edição e som: Daniel Neves - Roteiro, atuação, fotografia e produção: Carlos Galdino - Música: Erik Satie - Projeto: Cinema do Encontro.

SINOPSE

Em meio à pressa da cidade, um homem atravessa lembranças, silêncios e imagens do cotidiano enquanto realiza gestos simples da vida doméstica. Entre ruas, estações e uma pia cheia de louças, “Próxima Estação, Tempo” propõe uma reflexão poética sobre o tempo, a solidão e os encontros que nos formam.

LINGUAGEM VIVA

Apoia a campanha da Academia Piracicabana de Letras



Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

Canto do Alaúde

poemas de **Rosani Abou Adal**

Está à venda no

Sebo Angelo Agostini Galeria Nova

Barão - Loja 63 - Rua Barão de

Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895

Livraria Unesp - Praça da Sé, 108

- (11) 3107-2623

Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255



O Morcego era azul, de Jorge Ventura

O Morcego era azul - *Memórias da primeira Batmania*, de Jorge Ventura, lançamento pelo selo da CQI (Companhia de Quadri-nhos Independentes), com capa de Paulo Chacon e prefácio de Erivan Augusto Santana.

Conta com depoimentos de Ana Gosling, Jacinto Fabio Corrêa, Fábio Almeida, Caverna do Morcego - O Universo do Batman, Walter Armada, @marcelo.patti27, Síl-vio Ribas, Renato Morcegão, Black Bat, Fábio Sá Earp Filho, Rogério Cardoso e Rogério Marques.

Jorge Ventura é escritor, roteirista, editor, ator, jornalista e publicitário. Possui 13 livros publicados e participa de dezenas de coletâneas nacionais e estrangeiras. É presidente da APPERJ, titular do Pen Clube do Brasil, diretor da UBE - RJ e um dos integrantes do grupo Poesia Simplesmente. Recebeu diversos prêmios, em nível nacional e internacional, como autor e intérprete. É colaborador do canal artecult.com, sendo responsável pela coluna AC Retrô. Sua longa trajetória de pesquisa ligada ao universo "Batman", especialmente voltada para a série clássica de 1966, envolve não apenas publicações (estudos jornalísticos, livros poéticos e fanzines), mas também participação ativa em eventos, palestras, debates e mídia (como podcasts), consolidando-se como uma referência nacional sobre o assunto. Autor de *Sock! Pow! Crash! - 40 anos da série Batman da TV* (Opera Graphica Editora, 2006), *O ReVerso do Morcego* (com ilustrações de Paulo Chacon, CQI, 2015), *Sock! Pow! Crash! 2 - A história da cult-série Batman de 66!* (CQI, 2017) e *Batmania Animada - 25 anos da Série Animada no Brasil* (em coautoria com Paulo Chacon, CQI, 2019). Foi criador, redator e editor do zine *Tribuna do Morcego*, na década de 1990 (em parceria com Marcio Escoteiro, in memoriam). É um dos editores da CQI e editor-presidente da Ventura Editora e da Editora Iniciatta.

Depoimentos

Em *O morcego era azul!*, Jorge Ventura mistura nuances autobiográficas, análises, informações e, sobretudo, as impressões de uma criança, em plena década de

1960, ao assistir à série Batman de 66, estrelada pelo ator norte-americano Adam West, no papel do homem-morcego. A dinâmica da narrativa de Ventura é ágil e atraente, pois, ao contrastar passado/presente, o leitor vai percebendo a evolução das histórias, séries e filmes dedicados ao celebrado personagem, com registros e curiosidades imperdíveis, sobretudo para os fãs das HQs e, principalmente, do Batman. **Erivan Santana, poeta e prefaciador.**

Que mistério ou motivação leva um autor a se dedicar durante tantos anos a um assunto específico, uma vez que já publicou dois volumes sobre o tema, ricos em pesquisa, comentários e curiosidades? Seria um ótimo enigma para o Charada decifrar, mas prefiro pensar em obstinação. Obstinação de querer manter acesa a chama do saudosismo como um resgate - ainda que no prazer do imaginário - do melhor período da minha vida: a infância. Este é um livro mais opinativo, reflexivo e, de certo modo, o livro mais revelador se comparado a *Sock! Pow! Crash! - 40 anos da série Batman da TV* e a *Sock! Pow! Crash! 2 - A história da cult-série Batman de 66!* Agora, chegou a vez de *O Morcego era Azul!*, seguido da legenda "Memórias da primeira Batmania" como subtítulo - um novo projeto gráfico, em um formato diferente, para contemplar o sexagenário aniversário da cult-série. **Jorge Ventura, autor.**

Eu tinha 6 anos quando assisti à série pela primeira vez. Creio que pela TV Globo. Foi um misto de encantamento e salvação. Encantamento por toda a magia, por toda a beleza, por toda a inteligência do personagem - hoje, aos 65 anos, sei que aquela sensação de ser "diferente" de tudo que já havido assistido na TV tinha muito a ver com a direção/edição extremamente vanguardista da série, sem falar no talento extraordinário dos atores, em especial Adam West, meu primeiro crush na vida. E salvação porque, em razão de eu ter tido uma infância bastante abusiva, assistir a Batman de 66 era sentir esperança de que a morte poderia ficar para o próximo capítulo e que,

um dia, o Homem-Morcego me levaria com ele. Sinto alegria por saber que, para muitos fãs como eu, ainda hoje aquele Batman continua sendo o maior Batman de todos os tempos, e tenho agradecimento por ele ter me ajudado a chegar até aqui. **Jacinto Fabio Corrêa, poeta e jornalista.**

Não lembro, ao certo, a idade que eu tinha, talvez uns 7 anos de idade... Era criança pequena; sei que foi nos anos 70. A série passava na TVS (atual SBT). Não sei apontar com exatidão a primeiríssima vez. Mas eu amava assistir à série, e Batman era rotina de vida. Quando começava um episódio, eu me levantava do sofá e pulava no ritmo da icônica música de abertura. A série me empolgava. Socava o ar quando as lutas aconteciam na tela, mesmo sendo menina. Porque eram lutas animadas, com música, sons pontuando os socos, onomatopeias saltando, câmeras em movimento. Adorava os raciocínios elaborados, as deduções. Eu consumia muitos gibis, e a série dialogava demais com essa linguagem, além de ser coloridíssima. Se penso na série, sinto alegria. Ela está profundamente ligada a minhas memórias afetivas, à casa onde morava, à criança que fui, àquele tempo. É maravilhoso ver como, tanto tempo depois e com uma linguagem muito própria, a série segue relevante e sendo referência. O Batman da série é, essencialmente, diferente do herói original dos gibis adultos, mais



sombrio. E das versões cinematográficas que retomaram seu drama humano. No entanto, para muitos fãs, Adam West continua sendo "o" Batman. Há muitos elementos na série que viraram referência fora dela: o telefone vermelho, o "pow" dos socos, a expressão Santa 'alguma coisa', de Robin, o batmóvel como sinônimo de carro... Há muitas páginas em redes sociais divulgando trechos dos episódios, às vezes, como homenagem, às vezes, com humor ou distanciamento crítico, e isso a mantém próxima das novas gerações. É uma data comemorativa significativa: não só por nostalgia, mas porque esse Batman, 60 anos depois, ainda pulsa no imaginário cultural. **Ana Gosling, colunista do ArteCult.com, onde publica ensaios, artigos e, semanalmente, crônicas na coluna "Às Quartas".**



<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>
<https://www.facebook.com/venturaeditora>

venturaeditora.editor@gmail.com

 (21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



Retirada

Flora Figueiredo

Respeite o silêncio
a omissão,
a ausência.
É meu movimento de deserção.
Abandonei o posto,
rompi a corda,
desacreditei de tudo.
Cansei de esperar que finalmente um dia,
minha fotografia
fizesse jus ao seu criado-mudo.

Flora Figueiredo - São Paulo (SP) - é escritora, compositora, cronista e tradutora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.



Camalotes

Raquel Naveira

Na cheia
Os camalotes boiam,
Estufados corpos aquáticos
Que a correnteza leva;
Conjunto de leques duros,
Verdes,
Que se dissolvem no silêncio;
Aqui e ali um buquê de flores
Arrebenta lilás;
A malha fina de raízes
Apanha peixes,
Escamas,
Pés delicados de pássaros que pousam;
A canoa de folhas
Navega sem leme
Rumo à foz,
À pedra,
Ao mar que espreme
E espuma.



Raquel Naveira - São Paulo (SP) - é escritora e poeta. Membro da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia Cristã de Letras de São Paulo e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

RUBRICA

Escobar Franelas

os estados unidos da américa
tocados pelos nobres ideais
que movem a democracia
e os estados unidos do brasil
levados pelo mesmo sentimento
de seu irmão do norte
impediram o poeta de dizer
não

a mão da liberdade pesa
pois o olho descoberto da justiça é cego
e já que é proibido proibir
impedir o permitir torna o todo igual
numa inédita rotina vária

os estados unidos de qualquer lugar
são uma mesma república
de ser o que não se é
e servir a quem não se vê
e seus poetas são etês professando fé
nessa deusa improvável
e demoníaca, a poesia



Escobar Franelas - São Paulo (S) - é escritor e produtor audiovisual. Atua em coletivos como A Casa Amarela, de São Miguel Paulista. É um dos curadores do FELILI (Festival do Livro e da Literatura de São Miguel, SP) desde 2021, e membro da APAN (Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro).

Batalha espiritual

Isabel Furini

Tem um anjo cinzelando silêncios
e outro anjo devorando palavras
enquanto um demônio escalavra
açoita e aranha, a alma solitária
que dedica suas horas a Deus.

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora, educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).



Enigmas

Márcio Catunda

Que entardecer existe
na essência do mundo
além dos portos do destino?

A quem pertence o navio
que faz ondas
no mar da vida?

No mar do poente
o roteiro enigmático
da frota das nuvens.

O farol da luz
e a nave do sol
no cais do infinito.



Márcio Catunda - Rio de Janeiro (RJ) - é escritor, ensaísta, romancista e diplomata. Membro da Associação Nacional de Escritores, do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras do Brasil.

vem da poesia
a palavra de um tempo
escasso de afetos
dela deriva o som dos pássaros
que insistem em cantar
em dias tão áridos
há que se encontrar
momentos de respiro
em meio a tanto gás carbônico
a vida permeia os parques
por entre arranha-céus
a água reluz encharcada de sol
donde virá a alegria
o humor revigorado
para dissolver o tédio
entalado na memória
com o peito aberto
e o cheiro da mata
sigamos pela estrada
como quem assobia para a lua

Dinovaldo Gilioli - Florianópolis (SC) - é escritor, poeta e ativista cultural. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC). Autor de *Pele do Solo*, *Inventário de Auroras*, entre outros.





Edições Archangelus

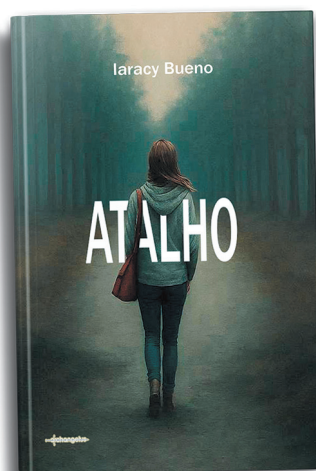
MEU BICHINHO DE ESTIMAÇÃO, de Cris Arantes, 24 páginas, selo Curumim. Ilustrações de Camila Giudice.

ISBN 978-65-5215-005-9.

A autora é pedagoga, poeta, escritora, musicista e artista popular.

“Meu bichinho de estimação” fala de amizade, de amor desprentoso que simplesmente acontece. Pedro encontra Wolly e a amizade entre os dois se fortalece a cada momento, mesmo com as diferenças entre um menino e seu bichinho de estimação.

Uma história mágica que nos ensina que amizades verdadeiras vencem a distância e o tempo.



ATALHO, romance de Laracy Bueno, 86 páginas. ISBN 978-65-5215-088-2.

A autora é escritora, romancista e professora.

“Atalho” é um relato biográfico, com uma trajetória de superação.

A autora se desnuda, contando suas desventuras na vida, ao leitor.

Uma história forte, ao mesmo tempo revoltante diante de cada situação vivida pela protagonista.

Em um “Eu feminino”, encaramos os desfortúnios que, apesar de doidos na alma, nos mostram a fortaleza da mulher que a autora se tornou.

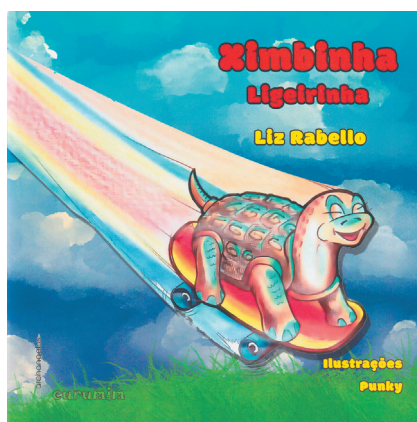
Ximbinha Ligeirinha, Literatura infanto-juvenil, de Liz Rabello, Coleção Curumim, 19 páginas.

ISBN: 978-65-5215-016-5

A autora é escritora e poeta. Publicou diversos livros infantis com temática, mais frequente, o amor pelos pets.

As ilustrações são de Punky e o projeto gráfico é de Luka Magalhães.

A obra conta a história da tartaruga Ximbinha que andava devagarinho e carregava em seu casco os sonhos que não mudavam.

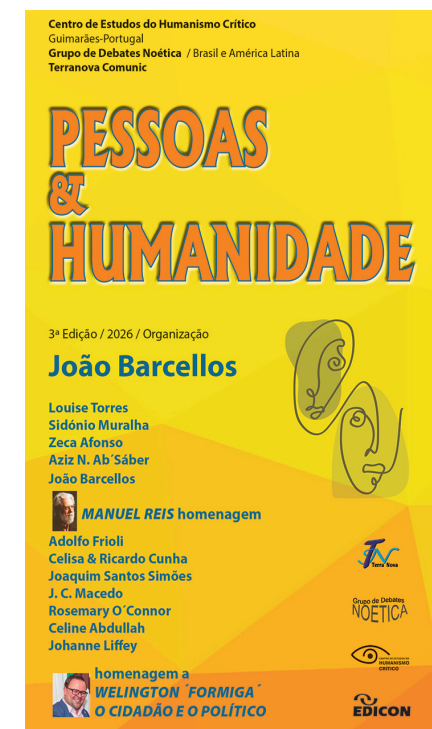


PESSOAS & HUMANIDADE Celebrar a Vida

O conceito ‘viver a vida que temos e pelo que somos’ tantas vezes escrito e dito pelo jornalista e poeta **J. C. Macedo**, aplica-se ao todo humano que almeja uma sociedade livre. Mas, o que é estar e ser livre?

A professora **Maria Augusta de Castro e Souza** escreveu que “Não adianta pensar, pensar e pensar em estar livre, o que adianta é batalhar para ser livre, e isto quer dizer que ‘...só o esforço social e político da pessoa a faz livre’, como bem opina e assina o mestre **João Barcellos** em seus ensaios filosóficos e palestras; e então, a lembrar neste meu rascunho **Manuel Reis** e **Martin Heidegger**, a humanidade só obtém a sua autonomia se a busca...” (Berlin-De, 2026). E assim, ‘viver a vida que temos e pelo que somos’ é um conceito que integra socialmente a pessoa em si mesma e ao todo humano-cósmico.

Foi nesse sentido que grupos ‘indie’ de filosofia e de história interpretaram as **reportagens/opiniões de João Barcellos acerca do filósofo português Manuel Reis e de Wellington ‘Formiga’, prefeito do município Cotia, no Brasil**. E no caso peculiar do “jovem do morro, filho de pedreiro, que desceu à cidade para conhecer o mun-



do e dele participar como povo”, JB expõe **um Brasil municipalista que conta já com a Geração 21 a mudar comportamentos políticos de gestão autárquica**. E em menos de 2 anos, eis que **Wellington ‘Formiga’ colocou o Brasil no mapa das políticas locais via Cotia**. É um humanismo crítico de gestão administrativa que leva o povo a participar do poder que lhe é de direito, sem demagogias.

A terceira edição do livro **Pessoas & Humanidade** é uma celebração da Pessoa na sua essência com espelho no sítio-raiz.

Cris Jordão - jornalista
Grupo de Debates Noética
jCorpus



edições
archangelus

Contato: (11) 99861-9450

Instagram: @edicoes_archangelus



divulgação UBE

Lygia Fagundes Telles

A Procuradoria Geral do Estado de São Paulo (PGE-SP) escolheu o nome da escritora, contista e Procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo Lygia Fagundes Telles para batizar a ferramenta de inteligência artificial da instituição em razão de personificar o domínio da palavra, a precisão cirúrgica na escrita e a profundidade na análise dos fatos. Lygia Fagundes Telles (1918 – 2022) é autora de *As Meninas*, *Antes do Baile Verde*, *Ciranda de Pedra*, entre outras importantes obras. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Paulista de Letras, do Pen Clube e da Academia de Letras de Campos do Jordão. Foi agraciada com o Prêmio Camões, Juca Pato, Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, Prêmio Bunge, entre outras importantes lãureas.

Dom Helder Camara: do sonho à realidade, organizada por Mons. José Albérico Bezerra de Almeida, foi lançada pela Edições Paulinas. A obra analisa as cartas escritas por Dom Helder e produzidas durante o Concílio Vaticano II – as chamadas circulares conciliares – e nos intervalos entre as sessões do evento, as circulares interconciliares. O livro resgata um material pouco explorado pela historiografia brasileira.

Os Cus de Judas, de Antônio Lobo Antunes, será a obra do Clube de Leitura da Academia Paulista de Letras, que será realizado no dia 27 de agosto, quinta-feira, às 19 horas, na sede da APL, Largo do Arouche, 312 / 324, em São Paulo.

Jorge Ventura, escritor, roteirista, editor, ator, jornalista e publicitário, lançará *O morcego era azul! – Memórias da primeira Batania*, pela CQi - Companhia de Quadri-nhos Independentes, no dia 15 de agosto, sábado, a partir das 16 horas, no CINE BOTEQUIM 2, Rua Dona Zulmira, 111, Maracanã, no Rio de Janeiro. O mesmo autor de “Sock! Pow! Crash!” volumes 1 e 2, nesta terceira imersão na história da cult série Batman de 1966, o autor Jorge Ventura apresenta um novo olhar sobre a chamada Batmania, resgatando memórias e curiosidades em um belíssimo estudo jornalístico. Um verdadeiro presente para os fãs no ano em que a série comemora 60 anos.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP – promoverá a primeira Feira do Livro, organizada pelo Centro Acadêmico 22 de Agosto, sob Gestão Alvorecer, de 15 a 17 de setembro, das 9h30 às 21 horas, no Campus Monte Alegre da PUC-SP, Rua Ministro Godói, 969, Perdizes, em São Paulo. A feira reunirá mais de 50 editoras que oferecerão descontos mínimos de 40% sobre o preço de capa. A programação abrigará encontros com autores e docentes e atividades voltadas à divulgação científica e à formação de leitores.

Nélly Trindade lançou *Do Abismo à Liberdade – 20 sinais de um relacionamento abusivo que ninguém percebe até ser tarde demais* pela Emó Editora. A autora transformou sua experiência como sobrevivente de uma tentativa de feminicídio em uma ferramenta de conscientização para impedir que outras mulheres cheguem ao mesmo destino.

O Prêmio Governador do Estado para as Artes agraciou na categoria Incentivo à Leitura o projeto Alinhavando Redes de Bibliotecas – Corredor Cultural que reúne bibliotecas públicas de Araçatuba, Cafelândia, Getulina, Guaiçara, Guaimbê, Júlio Mesquita, Lins, Promissão e Sabino da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo. A atividade promove contação de histórias, oficinas, formação de mediadores de leitura e ações artísticas itinerantes.

Notícias

Canto do Alaúde, poemas de Rosani Abou Adal, foi traduzido para o árabe pelo escritor, professor, tradutor e engenheiro civil Rami Ali Chehade. A obra será lançada, no segundo semestre, pela Observador Legal Editora.

Carmem Andrea Soek Pli-essinig, escritora, tradutora e professora, está traduzindo para o espanhol o livro de poemas *Canto do Alaúde*, de Rosani Abou Adal.

Rosani Abou Adal está preparando uma coletânea, em comemoração aos 40 anos de estreia Literária, com seleção de poemas dos seis livros publicados e de inéditos em livro veiculados no jornal *Linguagem Viva*. Estreou na Literatura com o livro de poemas *Mensagens do Momento*, em 1986, com produção independente.

O Coletivo Marianas participará da programação do Festival da Palavra de Curitiba que será realizado de 5 a 9 de agosto, no Memorial de Curitiba, R. Dr. Claudino dos Santos, 79. Também participará da 45ª Semana Literária e Feira do Livro, promovida pelo Sesc PR, que será realizada de 12 a 16 de agosto, das 10 às 20 horas, no Museu Oscar Niemeyer, Rua Marechal Hermes, 999, em Curitiba (PR). Adélia Prado será a escritora homenageada. No interior do estado, os eventos serão realizados nas unidades do SESC.

José Goldemberg, físico, professor e pesquisador, será a Personalidade Acadêmica da 3ª edição do Prêmio Jabuti Acadêmico que é promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

Frei Betto participou da série “Encontro com os Escritores”, realizada no dia 29 de julho, promovida pela Universidade do Livro da UNESP, em São Paulo. O evento foi realizado na Biblioteca Mário de Andrade e abrigou um debate mediado pelo jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto. Frei Betto autografou o romance *O Voo da Locomotiva* lançado pela Editora Rocco.

Cristóvão Tezza, escritor paranaense, romancista, jornalista, linguista, crítico literário, professor universitário e roteirista, foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis 2026, pelo conjunto de sua obra, promovido pela Academia Brasileira de Letras. A lãurea foi entregue no dia 23 de julho, na sede da ABL. O laureado recebeu um troféu e a importância de R\$ 100 mil.

A BibliON, biblioteca digital do Estado de São Paulo, está com nova plataforma, desde o dia 21 de julho, para disponibilizar o acesso de mais de 35 mil títulos, de mais de 2 mil audiolivros e de ferramentas de acessibilidade. Os leitores poderão se cadastrar para ter o acesso. Usuários já cadastrados deverão instalar o novo aplicativo da BibliON e atualizar os dados. <https://biblion.org.br/>

A 25ª Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, que será realizada de 30 de agosto a 5 de setembro, em vários espaços da cidade, terá como homenageados o sociólogo e filósofo espanhol Manuel Castells (categoria Educação) e as escritoras Ana Maria Gonçalves, Thalita Rebouças e Daniela Penha. Luiz Galina, diretor regional do Sesc São Paulo, será o patrono da edição.

**edições
archangelus**

Livros são para viajar, sem sair do lugar

*Entre em contato
e conheça nossa proposta
para publicar seu livro*

 (11) 99861-9450
  @edicoes_archangelus